



Lectio Magistralis proferida em Florença a 21 de março de 2013 ao receber o 57º Premio Letterario Internazionale Ceppo (Pistoia, 2013)

ANA PAULA TAVARES



Nascida, em 1952, na Huila, a conhecida escritora angolana Ana Paula Tavares, com diversos volumes de poesia, de contos e de ensaios nos domínios da História e da Literatura, tornou-se muito apreciada na Itália, sobretudo após a publicação em italiano, em 2006, de uma recolha de seus poemas, traduzidos por Prisca Augustini.¹ Em 2013, Paula Tavares foi agraciada com o *Prêmio Ceppo Internazionali Piero Bigongiari*,² que, desde 2010 é atribuído a um poeta estrangeiro, a quem cabe apresentar uma *Lectio Magistralis*, na cerimônia em que o recebe. A *lição* de Ana Paula Tavares, aqui publicada com a autorização dos responsáveis pelo evento, a par com o cartaz da sua realização, é um documento de grande interesse para a história da literatura de Angola e dos demais países de língua portuguesa, uma vez que ela é a primeira poetisa da CPLP a merecer este galardão.

Nasci no lugar da serra onde o rigor das vozes se modula para ser ouvido dentro do círculo que tudo cerca: animais plantas água e fogo. As mulheres cantam porque falar é mais do que a voz é corpo é garganta são os gestos multiplicados por infinitas mãos para manter o lume aceso dentro do vento pregar a semente ao solo dentro da corrente segurar no ventre um filho cada ano dentro da linhagem para lá da morte diária. São mulheres de pernas longas e pés pequenos pois como diz o provérbio “uns pés grandes de mais estragam o caminho” habituadas à viagem, à longa travessia da vida, às falas dos mortos, mães antes dos quinze e avós antes dos trinta que regam de leite o chão sagrado até que os seios sequem de seiva antiga e sangue. São elas que de manhazinha transformam o leite em manteiga alimento cosmético e remédio para as feridas de toda a gente. A serra à volta é cercado e muralha chão secreto dos antepassados suas histórias, ex-votos círculo de pedras de água escassa e líquenes a ostentar uma antiga idade.

Desse chão fui levada ainda antes do primeiro rito de passagem. O corpo menina ainda a pingar de takula as tranças desfeitas (ceifem-me os cabelos à luz deserta dos dias), as raízes expostas, o peito ainda em flor fechada, as mãos a rasgar o chão e a deixar impresso um rasto de sangue sobre camadas lentas, erodidas, fusão de rígidas cicatrizes, marcas do fogo em mapas por terminar.

O coração (omutima) a consciência (Onthulo) a parte ainda mole e doce da árvore em crescimento tudo aberto (em aberto) e levado para uma terra distante e tão próxima cercada do mesmo céu azul e a serra à volta... a serra à volta

Ritual de passagem

Assim perdi para sempre a voz da memória, lentos cantos, repetições para ceder o som ao aprendizado do silêncio. O coração da terra foi transplantado guiado pela capacidade de sofrer sem os óleos de proteção, a ciência das fibras levada com raiz e tudo para crescer dentro do cercado sem a tábuia Eylekessa e o livro de horas feitos dos nós duros da avó Beatriz. Aprendi uma outra língua, que não servia os cantos, deixei guardada a voz de griot, o riso alegre dos rapazes, os segredos da família herdados pela linha materna. As cicatrizes ficaram lá no mais escondido da alma lá onde mora o ovo de onde nasce a própria essência palavra verbo. Pode ser

¹ *Cerimonia di passagio*. Roma, Heimat, 2006.

² Criada em 1954, a *Accademia Pistoiese del Ceppo* instituiu logo no ano seguinte o *Premio Letterario Nazionale Il Ceppo*, com a dupla finalidade de promover a cidade de Pistoia e de chamar a atenção da crítica e do público para o conto, gênero pouco praticado na altura. Na sua longa existência, este galardão foi englobando outros campos e, a partir da sua 54ª edição, passou a integrar o *Premio Ceppo Piero Bigongiari*, destinado a um poeta estrangeiro.

um nome masculino/ feminino ser a primeira palavra do provérbio que inicia a vida quando o tempo a propicia.

Aprendi a língua dos senhores e fiquei escrava (miser miser) de outras medidas do verso (carmina Oh carmina) labirinto e solidão, cantigas de amor e amigo. As dores de crescimento até ao respirar da pele: perdida na história, demente de saudade de lugares perdidos redondas palavras, bilhas de sedes novas, concavas de reflexos antigos. Aprender a escrever sobre a pedra a areia, o papel e ainda e sempre o corpo.

Componho em língua vulgar fragmentos de um aprendizado de cravo e outros instrumentos. Os sons que se alinham são da cor do medo e alinham duas, três, quatro, cinco ou mais notas com sinais e acentos, “diabulus in musicae”, a voz alinhada às regras á escola, ao mestre à régua. Especialização, adaptação, natureza das espécies e um canto a afinar-se a sul em busca de uma saída, um ponto de fuga, um sinal de luz na obscuridade do cercado eterno.

2º Ritual de passagem

Uma nova pele e novos sinais, máscaras e esca-rificações alinham-se na parede só para que eu os reconheça e não use, interdito aprendido fundo espelho da alma virada para dentro.

A escrita chegou como ato solene, língua de eleitos, uma celebração. Ensinar a mão (domesticar e ensaiar novas formas de falar (gravar) com o sagrado e o profano. O tempo deixou de cumprir os ciclos (nova/ velha/morta) para ser amarrado de forma segura no calendário dos dias curtos e noites longas. O rito de passagem acabou por fazer-se de forma violenta, jogo e solução, sinais do sacrifício a espalhar-se pelo chão, um novo livro de orações, planta rasteira parasita de árvores de grande porte. Descubro o mundo entre palavras estranhas e um nome (perdido que estava o nome de leite) ganha sentido e mistério (misteriosa/ misterioso). Ifigénia sem mortos e sem vivos deitada no altar do sacrifício, cordeiro e algoz, escrava e senhora nos elogios da loucura em vários atos. Aprendo a dividir ao infinito o som e o sentido. Amargo chão o da cidade de Deus sua rosa dos ventos azul, suas estradas direitas seus princípios eternos. Esqueço a palavra primeira, a do provérbio abre-te Sésamo do grupo e do crescimento do corpo e da alma. Sou um nome e sua sombra encantada, Íon e rapsodo dos versos e das palavras dos outros (parte a canoa e rasga a rede), a ciência dos nomes o mapa de sombras da caverna, uma língua, a língua da cidade do sol, corrompida e cheia da nostalgia da língua líquida dos tempos idos, infinitamente repetidos de manhã, na hora dos bois dos miúdos e das cabras. Fazer coisas novas com palavras foi seguir o canto da sereia, descobrir o mar e sua essência. Penélope

de todas as noites a tecer o corpo em tear vertical, na impossibilidade do sono, tecedeira e palavra a orientar as mãos em círculos entre a terra e o céu mais da terra do que do céu. É o completo caminho da solidão onde habitam as musas. A persistência da memória e das casas da última rua pintadas de azul fechadas

Anima vagula blandula

Sentada junto às muralhas do Ossi (pedra, granito aparelhado onde se dissolvem os séculos) assisti à queda do império romano do ocidente e do oriente, à construção das rotas da seda, do ouro e dos escravos. Fui novo e velho mundo, filha de rei a amar o escravo, Teodora dos dias e das noites. Tudo se consumiu em prolongadas horas o mundo à minha volta (encontrei um japonês com abelhas de mel e pequenos haicais nos campos de lírios, entreguei o peito livre e nu à bainha da faca do mais belo príncipe, estátua me ergui para lá dos olhos cegos e passei por todas as provações do labirinto. E no meio do caminho tinha uma pedra (oh let me drink, oh let me drink, beautiful Africa let me drink forever) Na morte que me servia passei a usar a cabeça de Nefertiti (esta cabeça é minha há sete mil anos e eu nem sabia), descer os desertos aproveitar cada gota e conhecer os rios (i’ve known the rivers) das cabeceiras do Nilo à boca escondida do Kunene. Em nome da terra fui à guerra e o que voltou de mim foi o choro ferido das raparigas sem noivo, sem sonhos, sem a minha árvore sombra e os óleos de proteção.

Com elas me treinei a escolher as fibras, a mais macia e dúctil para a demolhar no tempo e traçar num exercício d dedos e tinta para apreender o sol e os sonhos de cada dia. Com aquelas crianças aprendi a soltar o coração pelos versos para os dobrar em cada sílaba, cada frase no visgo das asas.

Neste momento, no chão da Huila, as mulheres da minha idade já se juntaram aos antepassados e velam, noutra lugar, pela ordem do mundo. Sobra uma mulher velha amarrada à paisagem como se sempre lhe pertencesse, tecendo palavras como antigas esteiras que estende ao passo dos novos e aos cantos das raparigas. Sobrou de um tempo e de uma forma de dizer que já não existe mas é a ela que recorrem todos em busca dos panos de nascer e de dormir. Guarda as fórmulas (saudações da manhã, da tarde, da noite, velhos segredos do ventre, sonhos dormidos de chuva. Com as mãos segura as águas e faz com que tudo se aquiete. A madrugada ainda vem junto com o leite e o céu separa-se da terra sob uma luz coada de fibras. É dela a ciência do número que repete em cada esteira: grandes quadrados mágicos divididos em quadrados mais pequenos cada um com um número e uma letra cuja leitura obriga a um centro e orientações

segundo as linhas curvas dos caminhos na vertical, horizontal diagonal.

Dessa mulher aprendi as vozes, a cartografia da viagem, as cores da terra os sentidos todos do mundo.

Estes poemas cabem dentro do ruído (gargantas atravessadas de gritos, mãos na enxada curta, corpos curvados ao peso das crianças. Estes poemas vem de longe e estão longe agora que habito a brancura do silêncio. O mundo arrumou-se à minha volta e se perdi o ruído da água, o riso das crianças e o sul da montanha, continuo rio à procura de leito, em torno do animal do sacrifício, embora já não me seja fácil nomear as coisas... os elementos.

Sei da seca. Sei das águas soltas. Sei dos ciclos. Persigo a palavra, um poema, apenas um poema para trabalhar todos os dias até conseguir que se leia pelo avesso. Com ele podia iluminar as sombras da vida, criar harmonia na desordem, voltar à palavra primeira como aquela que inaugura as grandes costuras dos veludos teke (as águas que separam o céu e a terra, e as águas que dividem o mundo habitável do mundo subterrâneo). Seriam precisas muitas mais vidas e conhecimentos de forja que não herdei das mais velhas. Resta-me continuar a tecer e a celebrar estes momentos de amizade em que poemas (mesmo os antigos) e pessoas se misturam em templos de afeto cumpridos nesta vida.

Patrocínio di: REGIONE TOSCANA, Consiglio Regionale, Provincia di Pistoia

Sostegno di: CASSA DI RISPARMIO DI PISTOIA E DELLA LUCCHESIA, FONDAZIONE CASSA DI RISPARMIO DI PISTOIA E PESCIA, Pianta MATI del 1909, Giorgio Tesi Group

ORGANIZZAZIONE: ACCADEMIA PISTOIESE DEL CEPPPO, DIREZIONE: Paolo Fabrizio, Lucuzzi

COMPARTECIPAZIONE: COMUNE DI PISTOIA

57° Premio Letterario Internazionale Ceppo Pistoia • 17-23 marzo 2013

Sotto l'Alto Patronato del Presidente della Repubblica

VIII EDIZIONE IL TEMPO DEL CEPPPO • PER I 130 ANNI DELLE "AVVENTURE DI PINOCCHIO" PROGETTO EDUCATIVO LETTORI UNITI DEL CEPPPO

VINCITORI DEL 57° PREMIO INTERNAZIONALE

| | | | | | |
|---|--|--|---|---|---|
| MARCO MARTELLA CEPPO NATURA 17 marzo • 16.30 Accademia Italiana del Giardino Pianta Mati Via Belforte Ceppo Natura Lecture e Premiazione | GUIDO SGARDOLI CEPPO RAGAZZI 19 marzo • 15.00 Palazzo Comunale Sala Maggiore Premiazione | ANA PAULA TAVARES CEPPO BIGONGIARI 21 marzo • 16.00 Palazzo Bontempi • Via Cavotti • Firenze P. Bigongiari Lecture | ANTONELLA ANGEDDA CEPPO Poesia 21 marzo • 21.00 • Biblioteca delle Orsine • Via Sant'Egidio • Firenze Recital con letture dai poeti classici Safo, Dylan Thomas, Leopardi | LORENZO CATURELLI SELEZIONE CEPPO POESIA E FINALISTI AL CEPPO PISTOIA 22 marzo • 19.00 Accademia del Giardino - Toscana Fair - Pianta Mati Presentazione con la Giuria Letteraria e letture dei poeti | STEFANO DAL BIANCO 23 marzo • 16.30 • Palazzo Comunale • Sala Maggiore VOTAZIONE IN DIRETTA DELLA GIURIA DEI GIOVANI LETTORI E PREMIAZIONE |
|---|--|--|---|---|---|

• PISTOIA 19 MARZO PALAZZO COMUNALE SALA MAGGIORE 9.00: PREMIO CEPPO RAGAZZI NATURART
16.00: PREMIO CEPPO RAGAZZI GUIDO SGARDOLI • FIRENZE 20-21 MARZO: M'ILLUMINO DI UN VERSO •

Contributi: MICI (Regione Toscana), NATURART, MULTIDECO, I.T.S.T., CONFINDUSTRIA PISTOIA

Collaborazioni: LA BARRONE, GIUNTI, LO SPAZIO, STERZANO

Recebido: 27 de setembro de 2013
Aprovado: 02 de outubro de 2013